

# O SORRISO DE MANDELA

*Giovanni Toniatti – 11/2020*

Era novembro de 1996, final do segundo ano de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

À época eu estava no cargo de Secretário de Minas e Metalurgia do Ministério de Minas e Energia, em meu segundo ano de mandato.

Com bastante antecedência estávamos nos preparando para uma viagem ao continente africano, para uma visita oficial do presidente e comitiva à África do Sul. Incluída uma breve passagem em Luanda, Angola.

Junto aos preparativos para esta visita houve uma cobertura de imprensa brasileira e sul-africana com entrevistas, para cobrir o evento.

Sendo a África do Sul uma nação com grande importância no panorama global na indústria mineral, o nosso Ministério recebeu um foco destacado nas notícias.

A comitiva inteira, formada por FHC e membros do Governo Federal e convidados ilustres de diversos estados, lotou o Boeing 707 da presidência (pela sua idade proecta e de aspecto geral, apelidado de “sucatão”).

Em Luanda ficamos em vários hotéis de categoria; impressionados pelo estado de devastação destes. Os soldados cubanos haviam se mandado de Angola em sequência a um Tratado de 1995. A longa retirada implicou em

butim nas comodidades dos hotéis melhores - até vasos sanitários foram subtraídos... O sistema de telefonia do hotel era precário. Uma deputada federal por São Paulo, Zulaiê Cobra - simpaticíssima, fez uma chamada para o Brasil e cobraram-lhe uma fortuna em dólares. Não aceitavam cartão de crédito!

O que nos salvou, a alguns de nós acompanhantes da comitiva, foi haver nas cercanias da cidade um acampamento enorme de obras da Odebrecht. O líder da obra era um engenheiro, por coincidência amigo e ex-vizinho meu de prédio dos tempos da Bahia. Nos ofereceram mordomia, ao menos nos comes e bebes.

Na África do Sul rumamos direto para Pretória, capital federal. Ali havia hotéis bons. Eu estive hospedado em um que tinha até chave de segurança para acionamento do elevador, uma para cada andar...

O Governo sul-africano preparou nosso encontro com o presidente Mandela com pompa e circunstância. Na manhã do encontro estávamos perfilados nos dois lados de uma suave rampa que antecede a entrada do palácio do governo, toda ornada de flores. No cimo desta, FHC e alguns de seu entorno à espera; e aí surge a figura simpática e, com o seu

charmoso sorriso, do líder Nelson Mandela.

Sobe a rampinha devagar e, ao chegar perto de mim, abre o sorriso mais ainda e me sacode a mão com vigor. Eu, e os demais das duas fileiras, quedamos intrigados - o quê seria aquela efusão?

No interior do salão, Mandela vem de novo e me cumprimenta, agora com um fugaz abraço, e agora?

À noite uma grande recepção em um espaço com mesas; coquetéis e depois ceia. À mesa onde eu me encontrava estava também o casal do deputado Geraldo Alckmin e mais duas pessoas. Entra o Mandela e cumprimenta os convivas com abanos de mão e um pouco de conversa à medida que transita no salão. Aí vem em minha direção e, novamente faz questão de dar-me a mão, e tome sorriso!

Foi na viagem de volta que o general Benedito Leonel, chefe do estado-maior das Forças Armadas, companheiro assíduo no espaço para fumantes do sucato (o diminuto espaço ficava na área defronte à toailete da ré da aeronave; fumava-se em pé...), finalmente me deu a pista para o acontecido com Mandela:

Na cobertura de imprensa prévia à viagem, importante jornal sulafricano

havia feito entrevista comigo, em meu gabinete no MME.

A matéria saiu na última página, com uma foto grande e colorida comigo à escrivãzinha, todo pomposo de terno e gravata, tendo ao fundo o Mapa Geológico do Brasil (alcunha naquele tempo - “mentira colorida - injustamente). A foto era realmente chamativa...

A entrevista versou sobre geologia, exploração mineral e panorama da mineração no Brasil e oportunidades recíprocas de atividades correlatas entre as duas nações. Em viagens de tempos anteriores eu havia visitado a África do Sul em função de minhas ocupações na CBPM-Companhia Baiana de Pesquisa Mineral e também do grupo belga onde trabalhei depois.

Por isso, a reportagem ficou bem interessante e também foi esse o motivo pelo qual Mandela deve ter achado que minha figura lhe era familiar, e daí sua efusividade.

Depois dessa ida à África do Sul, passei por lá mais vezes, basicamente em trânsito para outros países africanos para negócios de exploração de petróleo. Mas isso é outra história.....

---

Voltar para:  
CAUSOS & ESTÓRIAS DE GEÓLOGOS  
<http://mw.eco.br/ig/causos/index.htm>

*Colega: - envie seu caso em Word para*  
[mvinge@terra.com.br](mailto:mvinge@terra.com.br)